

Editorial

Revisionismo Histórico

A História é êmulo do tempo, repositório de fatos, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do porvir.

Cervantes, Dom Quixote

Cada vez que se verifica alguma mudança político-ideológica em uma sociedade, a sua consolidação vai buscar esteio na reavaliação da história dita oficial. O domínio do presente exige a reordenação do passado segundo a nova ótica adotada para começar a trabalhar o porvir. Liminarmente, define *o quê* recuperar ou destruir do acervo histórico e *o para quê* dessa recuperação. Desde tempos imemoriais a inquisição do passado, antes de ser científica, tem sido política. Procede-se à recuperação seletiva do passado, adequando-o aos interesses do presente para se alcançar os fins colimados. A reconstrução pragmática do passado é tão antiga quanto Clio ou a história do homem. Visa à dupla finalidade de sancionar o poder estabelecido e de impor às futuras gerações os seus princípios.

Trava-se, então, uma *guerra de posição* pelo controle da história, da mídia e, em geral, dos estamentos da sociedade capazes de influir na formação da opinião pública. As ações para controlar a opinião pública e assegurar a manutenção do poder político-ideológico revitalizam a imaginação histórica e criam versões contraditórias do passado.

Os autores incumbidos da reconstrução histórica não têm compromisso com a verdade nem com a autenticidade das fontes de que se valem para justificar o que se propõem demonstrar. Frequentemente, seus relatos visam a apagar tradições e

dar nova versão ao passado, apresentando falsos testemunhos e distorcendo ou omitindo fatos consagrados com o fito de fundamentar a interpretação própria e antagônica. Isso é obtido graças ao domínio que o grupo no poder exerce sobre os meios de comunicação social – se em passado não muito distante chegaram até a eliminar de fotografias imagens de pessoas que se tornaram indesejáveis a certos regimes, que poderá acontecer com as inovações e facilidades proporcionadas na era dos computadores?

Os protagonistas desse revisionismo redobram a procura de depoimentos que satisfaçam seus intentos e eliminem os contrários. Nos tempos em que se luta simultaneamente pelo presente e pelo passado, surge então a crítica histórica, centrada nos vultos tradicionais, cuja imagem irradia valores cultuados e representa símbolos aglutinadores de ideais, a fim de servir como instrumento de dominação.

O final do século XIX e o desenrolar do século XX foram tempos em que o passado deixou de ser uno e multiplicou-se sob inúmeros enfoques. A colisão entre diferentes versões do passado e projetos político-ideológicos ocasionou o aparecimento de interpretações distintas do acontecido, a exumação de supostas novas provas e o reavivamento de velhas contradições, ampliando as dimensões do histórico e as análises de fatos controversos.

Assim, o passado não é mais monopólio de cronistas e historiógrafos consagrados e transforma-se em reserva de caça de todos que disputam o poder, gerando um pluralismo de contestações em busca da lapidação da história segundo os interesses e conveniências dos grupos em choque.

Só o futuro dirá quem sairá vencedor desse conflito. Na *guerra de posição*, ao que tudo indica, deverá prevalecer o poder do conhecimento, da inteligência e da argumentação comprovada dos contendores, aliado à audácia e à determinação. Já assinalaram, com muita propriedade, que *não se governa sem história e historiadores*.

Como dizia Carlyle, o historiador inglês, em *On Heroes, Heroe-Worship and the Heroes in History* (1841), o herói revolucionário tem um papel trágico – precisa semear a anarquia e o conflito para destruir a antiga ordem e construir um mundo novo, em que um dia também sucumbirá.